

O DISCURSO COLONIAL NA LITERATURA DE VIAGEM SOBRE A AMAZÔNIA¹

Laura Borges Nogueira

Neste artigo pretendo explorar o discurso presente em literatura de viagem escrita por estrangeiros sobre a Amazônia. Esta é uma investigação que venho fazendo como parte de um projeto “A Prática Discursiva sobre a Amazônia: O discurso ecológico e outros discursos (Projeto de pesquisa do professor Miguel Nenevé do departamento de Letras da Unir)”. Neste projeto examinamos o discurso presente no que se tem escrito sobre a Amazônia após a morte do líder seringueiro Chico Mendes. À luz de teorias sobre literatura de viagem e sobre colonialismo e pós-colonialismo analisamos obras de literatura de viagem procurando identificar que tipo de discurso se dissemina nestes escritos. Mais que ecológico, percebe-se um discurso que sugere a superioridade de um povo sobre outro, um discurso que chamamos de colonialista.

O discurso colonialista tem sido usado por muito tempo por países que antes eram colonizadores (europeus) para manter sua soberania sobre suas ex-colônias. Essa é uma forma de perpetuar o mito de autoridade do "Ocidente" sobre o Outro e de contribuir para objetivos expansionistas deles como países do primeiro mundo: “Com a finalidade de manter autoridade sobre o Outro em uma situação colonial, o discurso colonialista se esforça em delinear o Outro como radicalmente diferente de si; contudo, ao mesmo tempo, mantém identidade suficiente com o Outro para poder valorizar o controle sobre este.” (Ashcroft et alli, 1989:103)

O livro “Imperial Eyes - Travel Writing and Transculturation” da crítica canadense Mary Louise Pratt mostra como a literatura de viagem sustenta e ajuda a expandir o imperialismo europeu. Muitas publicações, por exemplo, têm estado engajadas no empreendimento expansionista e em produzir ‘o resto do mundo’ para leitores europeus. Várias estratégias para disseminar esse discurso são usadas, sendo as principais: degradação, apropriação, observação, classificação, a oposição entre o

¹ A primeira versão desse texto foi publicada no periódico CADERNO DE CRIAÇÃO. ANO VI, Nº19, AGOSTO - PORTO VELHO 1999. ISSN 0104-9389

normal e o anormal (verdade X falsidade), o europeu e o outro, o discurso da anticonquista através da reciprocidade, sensibilidade, etc.

Para Pratt, o processo de classificação é uma das formas pelas quais os europeus sistematizam e julgam os outros de acordo com seus interesses. Não é apenas um discurso europeu sobre o não europeu, mas também um discurso do urbano sobre o rural do letrado sobre iletrado, do burguês sobre o camponês. Outro crítico do colonialismo, David Spurr, também sugere que a classificação se dá no discurso colonialista. Tal discurso organiza o universo em disciplinas que refutam o excêntrico, o anormal e o monstruoso (62)

Este tipo de discurso é identificado em obras de literatura de viagem como “The World is Burning” e “The Burning Season” que discutimos em outra ocasião. As obras revelam que além da “preocupação com a ecologia” há a sustentação de um discurso que supõe a superioridade de um povo sobre outro. Percebe-se que os autores apresentam um contraste entre a Amazônia e o mundo civilizado, o desenvolvido e o inculto, o organizado e o confuso. A Amazônia é monótona, o seu povo é preguiçoso e passivo, mas também violento. Shoumatoff, por exemplo elogia a hospitalidade do amazônida, mas critica a “sonolência, passividade e inoperância” (144). Agora gostaríamos, porém, de concentrar nossa análise nas obras de Adrian Cowell intitulada *The Decade of Destruction* (1990) e de H. M. Tomlison *The Sea and the Jungle* (1912) pois acreditamos que elas são obras significativas sobre a Amazônia.

Na obra *The Decade of Destruction*, Cowell, através da classificação, deixa bem clara a diferença entre ele e o índio: “... eu achei o termo ‘civilizado’ muito útil com um termo de diferenciação de ‘índio’ (o homem que representa o sistema da floresta). Eu visivelmente não pertencia ao sistema deles.” (22) E novamente: “Pois a diferença entre o índio e o civilizado não é, como se tem dito, os 3000 anos entre o primitivo e o moderno. É o abismo entre o homem que vive na floresta e o homem que vive na nossa civilização - o sistema da cidade.” (35)

A observação é outra estratégia do discurso colonialista. Pratt sugere que a História Natural proveu meios para narrarem-se as viagens aos interiores e a exploração destinados, não à descoberta de rotas de comércio, mas à observação territorial, à apropriação de riquezas, e controle administrativo. As coisas são vistas ‘de acordo com o sistema de valores do escritor’. (Spurr,16). O livro de Cowell está cheio de relatos sobre as características geográficas da região amazônica brasileira, incluindo rios,

relevo, localização das tribos indígenas, garimpos de ouro e outras reservas minerais, rodovias federais, seringais e até mesmo do centro geográfico do Brasil.

A intervenção colonial, ao apropriar-se da terra, responderia ao chamado do colonizado, para 'protegê-lo' de sua própria ignorância e violência. "Como pode um homem queimar a floresta quando ele sabe que a terra é tão pobre que terá que abandoná-la? Como podem os especuladores comprar terra, quando eles sabem que ela não produzirá nada?" (14). Parece que novamente o autor sugere que há necessidade de pessoas "mais inteligentes" orientarem os amazônidas.

Em sua obra, Cowell também revela a existência do discurso da "degradação".

A degradação ou desvalorização pretende destacar que, qualidades tais como a desonestidade, a superstição e a falta de disciplina, são geralmente refletidas em sociedades caracterizadas pela corrupção, xenofobia, tribalismo e incapacidade de seus governos (Spurr, 76). Vejamos o que Cowell diz, por exemplo, sobre quem vive na floresta: "Mas se a floresta havia refinado meus sentidos, ela também havia reduzido o questionamento do meu cérebro. (...) A mente de um civilizado estava movendo-se em direção ao cérebro funcional de um animal de caça da floresta." (34-5) Ele sugere que aquele que vive na floresta de alguma forma é modificado por uma força exercida por ela. Tais pessoas perdem o senso crítico e, portanto, não são capazes de raciocinar de acordo com os valores de um civilizado. Tal discurso será também percebido em uma obra escrita muito antes que *The Decade of Destruction* quando a Amazônia enchia os olhos de observadores, pesquisadores e colonizadores. A obra é *The Sea and the Jungle*.

The Sea and the Jungle (O Mar e a Selva) de H. M. Tomlinson está repleta de descrições sobre a selva amazônica brasileira. No entanto, os habitantes quase não aparecem como participantes nos acontecimentos que o envolveram nessa jornada. Na realidade, a maioria é descrita como se fizesse parte da paisagem, a menos, é claro, que eles fizessem algo considerado excêntrico e fora dos padrões da "civilização". Para Mary Pratt, neste tipo de discurso o autor procura "fazer tudo para minimizar a presença humana" (59); nele, "os residentes do país aparecem como traços da paisagem" e são "menos importantes que os rios e riachos" (59). Quando Tomlinson se refere aos habitantes do país ele os descreve como "negros e mestiços que preguiçosamente arrastavam pacotes nas sombras" (88); "Os paraenses, passando com um modo de andar preguiçoso - que eu estava logo compelido a imitar - no calor, eram uma gente intrigante para alguém acostumado às características de uma raça de puro sangue, como

a nossa” (89); “os homens tinham corpos empobrecidos, magros, apáticos e de aspecto doentio. Mas as mulheres quase sempre eram criaturas vistosas, certamente preguiçosas ao se moverem, mas não apáticas, e possuíam notáveis curvas. Elas tinham olhos lentos e insolentes. É claro que as damas da sociedade... não estão incluídas nesta descrição insultante” (89); “O evidente orgulho e soberba destes latinos era uma surpresa para alguém de uma raça mais forte” (90). Através desse discurso há a degradação de quem se fala. Tomlinson também sempre insiste em afirmar que as pessoas do país são tristes, até mesmo quando sorriem: “uma mulher triste e algumas crianças nuas, sem mostrar nenhuma emoção, nos olhavam passar”; “gente morena com alguma tristeza” (99); “crianças tristes, tímidas e pequenas” (120).

Tomlinson também enfatiza a monotonia da Amazônia repetida muitas vezes por escritores de viagem como Shoumatoff. Para Tomlinson a paisagem é monótona por causa da falta de variedades de cores: “o verde monótono da floresta” (101, 226) Poderíamos ler esta afirmação como contraditória, pois uma das coisas que o autor constantemente apresenta no livro é a grande variedade de plantas da selva. Mary Pratt identifica essa característica como uma das formas de codificar o discurso colonialista (219), porque através dela, subentende-se que o país ao qual pertence o autor é superior em diversidade, e por isso lá não há monotonia.

Tomlinson também critica os brasileiros por não verem nada mais que a borracha e ignorarem o solo tão fértil. “Não há fábricas, agricultura, indústrias de pesca e nem serrarias numa região que poderia alimentar, vestir e abrigar a população de um continente” (149). Isso confirma a teoria de Pratt quando se refere ao "espírito de desenvolvimento" que permeia o discurso colonialista. (61).

Portanto, tanto *The Decade of Destruction* como *The Sea and the Jungle* revelam a existência de um discurso colonialista a exemplo das obras analisadas em outra ocasião. É bom lembrar que um autor ao escrever uma obra de literatura de viagem repete muito dos "conhecimentos" divulgados por obras anteriores. Assim, *The Sea and the Jungle* é de certa forma uma fonte de pesquisa para muito do que se tem escrito sobre a Amazônia.

Não questionamos se o "conhecimento" e as críticas transmitidas pelos autores são verdadeiras ou não. Queremos, porém, detectar o discurso usado por eles, um discurso que generaliza e classifica para poder justificar a superioridade de um povo sobre o outro. O classificado, analisado, julgado é logicamente o homem da Amazônia,

ou do Brasil e até da América latina de um modo geral. Tudo na e da (nada) Amazônia é questionado e julgado. Por que, então, não questionarmos também as ideologias que nos julgam, criticam, classificam e muitas vezes nos condenam?

BIBLIOGRAFIA

- ASHCROFT, Bill, GRIFFITHS, Gareth, TIFFIN, Helen. THE EMPIRE WRITES BACK - THEORY AND PRACTICE IN POST-COLONIAL LITERATURES (O Império Escreve de Volta - Teoria e Prática em Literaturas Pós-coloniais) Routledge, 1989.
- COWELL, Adrian. THE DECADE OF DESTRUCTION - A CRUSADE TO SAVE THE AMAZON RAIN FOREST (A Década da Destruição - Uma Cruzada para Salvar a Floresta Amazônica) Henry Holt and Company, 1990.
- PRATT, Mary A. IMPERIAL EYES – TRAVEL WRITING AND TRANSCULTURATION (Olhos Imperialistas – Literatura de Viagem e Transculturação) Routledge, 1992.
- REVKIN, Alex. The Burning Season N. York: Summit Books, 1990
- Shoumatoff, Alexander. The World is Burning. N. York: Summit Books, 1990
- SPURR, David. THE RHETORIC OF EMPIRE – COLONIAL DISCOURSE IN JOURNALISM, TRAVEL WRITING, AND IMPERIAL ADMINISTRATION (A Retórica do Império – O Discurso Colonial no Jornalismo, Literatura de Viagem e Administração Imperialista) Duke University Press, 1993.
- TOMLINSON, H.M. THE SEA AND THE JUNGLE (O Mar e a Selva) The Marlboro Press, 1912.